

**PAISAGENS
SONORAS EM
EXPANSÃO**
NOVAS
SONORIDADES /
NOVAS ESCUTAS

VANDA DE SÁ

RODRIGO TEODORO DE PAULA

ANTÓNIA FIALHO CONDE

(COORDENADORES)

MARGEM DA PALAVRA



MARGEM DA PALAVRA

SELO DA EDITORA URUTAU

rua dr. manuel pacheco nobre, 128, 5 esquerdo

2830-080

barreiro (setúbal)

portugal

rua do cajú, 478

jardim das cerejeiras, 06724-015

cotia-sp

brasil

Tel. [55 11] 94859 2426

[351] 928053619

contato@margemdapalavra.com.br

www.margemdapalavra.com.br

edição | Debora Ribeiro Rendelli e Wladimir Vaz

coordenação editorial | Tiago Fabris Rendelli

paginação e capa | Wladimir Vaz

editores | Vanda de Sá, Rodrigo Teodoro de Paula e Antónia Fialho Conde

isbn | 978-65-5900-610-6

© aa.vv 2023.

“Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do projeto UIDB/00693/2020”

“This work is funded by national funds through the Foundation for Science and Technology, under the project UIDB/00693/2020 “



**PAISAGENS SONORAS
EM EXPANSÃO
NOVAS SONORIDADES /
NOVAS ESCUTAS**

COORDENADORES

VANDA DE SÁ,
RODRIGO TEODORO DE PAULA &
ANTÓNIA FIALHO CONDE

MARGEM DA PALAVRA

2023

SUMÁRIO

[9] **INTRODUÇÃO**

CAPÍTULO I - *Espaços Urbanos | Espaços Acústicos*

[27] **Luís Cláudio Ribeiro**

A experiência do lugar

[43] **Ana Maria Moya Pellitero**

Interrumores: A Lisbon's multicultural sound cartography

[71] **Frederico Pessoa**

Por uma microgeografia sonora. Bordas e centros em vibração

[95] **Ana Ester de Matos Silva / Raimundo Nonato Lima dos Santos**

Entre melodias e ritmos: sonoridades urbanas da cidade de Picos-PI, nas décadas de 1980 e 1990

[123] **Francisco Didier Guedes Albuquerque Junior**

Sonoridade apocalíptica: a emergência de uma nova paisagem sonora a partir da banda Conspiração Apocalipse (Cajazeiras, Paraíba - BR)

CAPÍTULO II - *Antigas Sonoridades*

[155] **Tess Knighton**

The Soundscape of Death and Musical Experience in Barcelona

[227] **Clara Bejarano-Pellicer**

El impacto del comercio atlántico en el paisaje sonoro de Sevilla en la Edad Moderna

[255] **Antónia Fialho Conde**
Marcas da devoção na paisagem sonora histórica:
da *boa morte* à salvação das almas

[291] **Rodrigo Teodoro de Paula**
Antigos e novos modelos para se cantar a morte:
estabelecimento e difusão dos protocolos destinados
ao ritual fúnebre português a partir de manuais
litúrgico-musicais impressos (séculos XVII e XVIII)

CAPÍTULO III - *Ouvir o Século XIX*

[347] **Vanda de Sá**
A paisagem sonora das corridas de touros no século XIX:
o caso de Évora

[393] **Filipe Mesquita de Oliveira**
Os hinos e a música comemorativa no contexto
das celebrações do 1º de Dezembro em Évora
na segunda metade de oitocentos

[415] **Alex Rodriguez Suarez**
Warfare and bell ringing: The mid-nineteenth-century
confessional conflict in Mount Lebanon

CAPÍTULO IV - *Instrumentos em perspectiva*

[441] **João Vaz**
O verso de órgão em Portugal (1620-1870):
do canto de órgão à ópera

[469] **Hugo Porto / João Mateus**
Contributo para o estudo do baixão em Portugal: contextos,
protagonistas e repertório

CAPÍTULO V - *Criatividade Sonora*

[539] **Ana Telles**
Paisagem sonora e história recente na obra
A Casa do Cravo, de Carlos Marecos. Análise e interpretação

- [589] **Juliana Wady**
Paisagens sonoras e tópicos musicais:
um estudo a partir das *Cirandas* de Heitor Villa-Lobos
- [627] **João Ricardo**
Pequenos compositores no museu:
composições por crianças a partir dos jogos PASEV
para o Museu Nacional Frei Manuel do Cenáculo.
- [657] **NOTAS BIOGRÁFICAS**

8



Marcas da devoção na paisagem sonora histórica: da *boa morte* à salvação das almas

ANTÓNIA FIALHO CONDE

Departamento História da Universidade de Évora/CIDEHUS
mconde@uevora.pt

Introdução

Os testamentos têm vindo a ser trabalhados, em termos historiográficos, como fonte histórica de grande interesse (MATEO BRETOS, 1994; GÓMEZ NAVARRO, 2010). São documentos essenciais para o estudo da família e seus contextos, para a história dos quotidianos, documentando relações familiares e/ou institucionais, legitimações, criação de vínculos, doações, indicação de tutores, disposições acerca de legítimas, dotes e terças, legados, alforrias (VAL VALDIESO, 2009). Não entraremos, no presente artigo, nos aspetos legais nem administrativos (sabendo que a legislação portuguesa de há muito que os considera), dado que nos interessa a sua relação com a história religiosa, a história dos comportamentos

e das emoções e o seu testemunho, ainda que indireto, para a construção da paisagem sonora coeva.

Sendo, em última instância, o testemunho da última vontade de quem testa, em que pode distribuir bens materiais e deixar por escrito disposições que deveriam ser cumpridas, buscámos em especial nos testamentos, e na perspetiva que nos interessa, as vontades dos testadores relativamente aos ofícios litúrgicos e deliberações acerca do cerimonial fúnebre com alusão à música (STRAS, 2006; FISHER, 2013; PELLICER, 2013). A par destas indicações, podemos também entender os ritmos e as preferências das venerações, concluir quais as igrejas e capelas mais frequentadas, as devoções preferidas, e como, e onde, se podiam exprimir essas devoções nos burgos, além do ritual brônzeo característico (DE PAULA, 2021, 2019, 2018) e que até hoje se mantém.

Assim, a partir de uma pesquisa por amostragem, apreciamos as marcas da devoção na paisagem sonora histórica de Évora. A cidade, e os seus habitantes, na sua diversidade social e cultural, conviveu com os rituais associados à morte, devendo estes ser entendidos também como acontecendo por vontade de quem decidia (quando para isso havia condições económicas) a sua configuração cénica, estética e certamente sonora (LORENZO DE PINAR, 1991; DE LARA RODENAS, 2007; ZOZAYA MONTES, 2007).

Tal como os demais testamentos no Portugal moderno, a organização textual do testamento compreendia a preparação do funeral visando a salvação da alma, apresentando e obedecendo às normas e determinações confessionais da igreja romana reformada. Podemos comprovar que, e de acordo com estudos anteriores, nos testamentos analisados referentes à cidade de Évora, também eles apresentam par-

tes distintas, desde a identificação pessoal do testador, a sua função na sociedade e na vida familiar, o seu estado físico, finalidade e razão de ser do testamento, as suas devoções particulares em termos de encomendação da alma, do local de sepultura, da escolha da mortalha, do acompanhamento e cortejo fúnebres, a distribuição dos legados (número de ofícios e missas, invocações, local de realização, indicação das esmolas, nomeadamente). A decisão de ser enterrado num determinado local implicava naturalmente um percurso, a que se associavam acompanhantes apontados pelo testador, que também decidia como queria ser recebido na igreja que acolheria a sua sepultura, com missa cantada ou rezada, durante quanto tempo, e em honra de que santos ou mistérios, como o da Santíssima Trindade. Indicavam-se depois os herdeiros e a repartição da herança, os legados, a indicação de dívidas (a cobrar ou a pagar), o estabelecimento de encargos, a indicação do ou dos testamenteiros, as assinaturas e a quem pertencem, dado o elevado nível de analfabetismo das populações¹. São de facto raros em Évora, nos testamentos analisados, aqueles em que o testador assina.

Muito trabalhados noutros países, como já assinalámos e trabalhámos², oferecem ainda matéria para exploração em

¹ Para um período um pouco mais tardio, e no Brasil, a estrutura é muito semelhante: declaração de fé, encomendação da alma, invocação dos intercessores celestes, pedidos de perdão pelos erros cometidos em vida, eleição da sepultura, escolha da mortalha, pedido de acompanhamento e missas fúnebres, instituição de obras pias, transmissão de esmolas e legados (Rodrigues, 2005).

² Cf. Conde, 2022, 92,93. Neste trabalho, foi analisado o testamento de D. Maria de Vilhena, elaborado em 1562, e em que a testadora instituiu diversas missas, de que destacamos: passados oito dias, e também passado um mês, da sua morte um Ofício de 9 lições com missa cantada; 3 missas quotidianas perpétuas, uma das quais cantada; nove missas cantadas no Natal e na Páscoa; duas missas cantadas com seu responso no dia de finados e ainda uma Missa com responso cantado, cruz e água benta todos os domingos, festas de N^o. Sra. e de Jesus Cristo, todas na capela-mor da igreja do convento do Carmo.

Portugal para o período moderno, em especial na abordagem que propomos. De facto, neste período, a preocupação da Igreja católica em ensinar aos fiéis a forma de obtenção de uma boa morte, atingindo o bem da alma, expressava-se através da crença, devoção, instrução na doutrina, conteúdos presentes nos desígnios testamentários (EIRE, 2007, 2014). Após a reforma protestante, a Igreja católica devia reforçar o seu papel como intermediária com Deus, expressando a escrita da última vontade uma forma de dar paz e salvação à alma de quem fazia o testamento, não devendo morrer *ab intestato*.

Essa aprendizagem da arte de morrer (SAN MARTIN BASTIDA, 2006) ou da *boa morte*, expressa tanto nas invocações marianas locais (Senhora da Boa Morte), é também ela transmitida pela tratadística da época. Em Évora circulavam no século XVII, em meio claustral, obras como *Caminho do Ceo*, de Fr. António de S. Bernardino, 1665 (convento dominicano feminino do Paraíso); *Meditações da Sacratíssima Payxão & Morte de Cristo*, 1679, de Bartolomeu de Quental, oratoriano (convento do Bom Jesus de Viana do Alentejo, religiosas jerónimas); *Retiro espiritual para hum dia de cada mez: muito util para a reforma dos costumes, e para disporse com huma santa vida para uma boa morte*, José Altamarino, 1741, (no já citado convento de Viana e no convento de clarissas da 1ª Regra de Santa Helena do Monte Calvário); *Devoto instruído na vida e na morte*, de Fr. Manuel de Maria Santíssima, XVIII (convento do Paraíso) e *Breve aparelho para ajudar a bem morrer*, do P. Estêvão de Castro, S.J., 1672 (nos já citados conventos do Calvário e de Viana do Alentejo).

Por outro lado, os testadores também se preocupavam com quem ficava, expressando preferências e/ou confiança

em determinadas pessoas, ou saudades dos que já haviam partido, objetivando a salvação das suas almas através do patrocínio de missas.

As obrigações em missas, consideradas como elemento essencial para a salvação, meio que relacionava os vivos e os mortos, era um viático essencial e em que os sacerdotes tinham papel central. Era o ato principal dos funerais, quando nos cortejos os fiéis, com as tochas acesas, assistiam às missas por intercessão do morto. As missas que se seguiam, em termos temporais (uma semana, um mês, num determinado período do ano, periodicidade anual) faziam também parte do ritual fúnebre, dando ideia de um afastamento progressivo, mas com duração instituída.

Por outro lado, e atendendo a critérios quantitativos, a estipulação do número e tipologia das missas (rezadas ou cantadas) testemunha a diferença social entre os testadores. Assim, surge o estabelecimento de capelanias, mantendo um ou mais sacerdotes para celebração eucarística quotidiana, semanal ou em perpetuidade, exigindo elevada renda; as memórias, com um número reduzido de missas anuais, comemorativas de alguma festa litúrgica; ou as missas de aniversário, celebradas no dia da morte do testador. Há ainda a figura das missas cumulativas, em que a crença num julgamento rápido, no purgatório, leva a que os testadores organizem as missas dessa forma (cumulativa), para abreviar a duração das penas. Porém, muitos apenas podem pagar a missa do funeral, a de oito dias e a de ano; só os mais favorecidos economicamente multiplicam as missas, aproximando-as do tempo do falecimento, para evitar a errância da alma, repetindo as missas perpetuamente na perspectiva do Juízo Final.

As disposições testamentárias em Évora (1648-1699): alguns exemplos

A franja cronológica analisada situa-se entre 1648 e 1699, especialmente nas décadas de 60 e 70³. Foi selecionada uma amostra composta por mulheres, em condições e situações distintas: as viúvas (três), as recolhidas em convento ou recolhimento (três), solteiras, religiosas terceiras dominicanas e algumas noviças (quatro, uma delas viúva). Entre os homens, os que não indicam cargo ou função (António Fialho, Gabriel de Melo e Castro e Rui Mendes de Vasconcelos), um arcediago, um Deão e um bacharel da Sé, um noviço agostinho, um fidalgo da Casa Real, também cavaleiro da Ordem de Cristo. Enfim, um leque de funções bem distintas, procurando corresponder à realidade eborense da altura.

Nos testamentos analisados, a maior das missas instituídas são em número de 10 ou menos, mas não surgem sozinhas, estão sempre associadas a Trintários (também designados como Trintários de S. Gregório, trinta missas seguidas ao longo de trinta dias, considerado um sufrágio eficaz para as almas do Purgatório) ou a missas em maiores quantidades; a sua distribuição em menor número faz-se em função da invocação, havendo testadores que dedicam missas a 14 entidades distintas, com números de missas também distintos.

Casos havia em que, além das missas anuais, se instituíam outras “por ter algum escrúpulo de missas que deixo e ter

³ Arquivo Distrital de Évora, Testamentos, Cx.5, nº 82; Cx. 6, n.ºs 104,127; Cx. 7, n.ºs 47, 105; Cx. 9, n.ºs 94, 98, 120, 123, 125; Cx. 10, n.ºs 15, 34, 37, 89, 93, 111, 117, 120; Cx. 11, n.ºs 19, 22, 84; Cx. 12, n.ºs 42, 73; Cx. 13, n.ºs 48, 107; Cx. 14, nº 69; Cx. 15, nº 64; Cx. 16, n.ºs 16, 73, 76, 94, 103.

mandado dizer, deixo se digam duzentas e se pagarão a meio tostão”⁴. Chega-se até às 1600 missas:

TABELA 1 – Tipologia das missas e local de realização

Tipo de Missa	Nº casos	Igreja	Nº casos
Missa de corpo presente	2 (uma com canto de órgão)	s/ indicação local	
Missas no dia da morte	1	Altars privilegiados da cidade	4
Missas no dia ou no dia seguinte	3	Remédios	5
Menos de 10 (7, 5,3, 2,1)	14	Graça	6
Dez missas no dia da morte e dez nos 8 dias a seguir à morte	1	S. Francisco	3
Dez missas	2	S. Domingos	2
Quinze missas	7	Carmo	3
Trintário	12	s/ indicação local	2
Quarenta missas	1		
Um anal de missas	1	Lóios	1
Cem missas	1	Santo Antão	1
Duzentas missas (sem indicar local ou dedicação)	1	Sé	1
Trezentas missas (dia do falecimento)	1	Em todas as comunidades da cidade	1
Ofício rezado de 9 lições	4	Misericórdia	1
1600 missas (por igreja, 200)	1	Diversas	

⁴ Testamento de D. Ana de Sotomayor, recolhida em S. Bento de Cástris. Arquivo Distrital de Évora, Testamentos, CX. 7, nº 105.

1000 missas	1	S. Francisco	
Ofício cantado com canto de órgão	1+ 13 cantados	s/ indicação local	

As igrejas onde maioritariamente eram cumpridas estas vontades, em termos de missas instituídas, eram as dos conventos dos agostinhos da Graça e dos carmelitas descalços dos Remédios, além dos altares privilegiados da cidade.

As missas em que era dada indicação expressa nos testamentos eram dedicadas especialmente ao Anjo da Guarda e a S. João Baptista, a que se seguiam N^a Sr.^a do Carmo, Santo António, S. João Evangelista, às almas dos pais, à sua alma e dos seus defuntos (cf. Tabela 2):

TABELA 2: Dedicções das missas

Dedicação	Nº de casos
Anjo da Guarda, S. João Baptista	4
N ^a Sr. ^a do Carmo, Santo António, S. João Evangelista, Alma dos pais, Sua alma e seus defuntos	3
Evangelistas, S. Brás, Cinco Chagas, Arcanjo S. Miguel, Arcanjo S. Gabriel, S. Francisco, Almas do Purgatório, Santíssima Trindade	2

<p>N^a Sr.^a da Piedade, Santa Teresa, N^a Sr.^a da Graça, N^a Sr.^a da Conceição, N^a Sr.^a dos Remédios, N^a Sr.^a do Rosário, Santo Agostinho, S. Nicolau das Almas, S. Tomás de Villanova, S. Vicente Ferrer, S. Domingos, S. Pedro, S. José Patriarca, Apóstolo S. Simão, Nosso Senhor, Santíssimo, Mistérios do Rosário, Apóstolos, Anjos Gabriel e da Guarda, S. Luís, rei de França, por encargos de consciência, por outras pessoas de obrigação.</p>	<p>1</p>
--	----------

Por outro lado, na decisão acerca da concepção e composição do cortejo fúnebre, concluímos que as freguesias da cidade, através da presença dos seus fregueses, eram as mais solicitadas nos cortejos. Seguiam-se os pobres do hospital⁵, solicitados em número diverso (20, 33, com tochas), os religiosos franciscanos, dominicanos e lóios e a irmandade de N^a Sr.^a do Rosário.

O local de sepultura preferencial nos documentos analisados é o convento da Graça, em vários espaços (cruzeiro, claustro, altar-mor), depois os de S. Domingos e de S. Francisco, sendo que Francisca de Santo António, recolhida no recolhimento da Piedade, pede, em 1699, para ser enterrada

⁵ No caso dos pobres do hospital, António Ferreira da Câmara, Fidalgo da Casa Real e cavaleiro da Ordem de Cristo, que pede para vestir como mortalha o manto da Ordem e as insígnias dos cavaleiros da Ordem de Cristo por cima do hábito franciscano, solicita a presença de 33 pobres, com esmola de 33 cruzados ao hospital da Piedade, de que era irmão. Pede que “se me fara um caxão para meo corpo ser metido preparando com o ornato necessario”. Arquivo Distrital de Évora, Testamentos, Cx. 11, n^o 84.

na “Caza dos ossos de S. Francisco”⁶. Temos também que nos cortejos de acompanhamento são referidas dez irmandades, à altura bastante ativas em Évora, sabendo-se a localização de algumas delas (Sé, Santo Antão, Graça):

TABELA 3: Cortejo fúnebre, mortalha e local de sepultura

Cortejo fúnebre: acompanhantes	Total de casos	Mortalha	Total de casos	Local da sepultura	Total de casos
Freguesias da cidade	7	Hábito dominicano	3	S. Domingos, Montemor, depois os ossos em S. Domingos, Évora	1
Dominicanos	4	Hábito de N ^a Sr. ^a	1	Carmo, fora de portas	1
Pobres do hospital da Piedade	6	Hábito franciscano	2	Casa do Cabido de Cástris, nicho Sr dos Passos	1
Franciscanos	4	Hábito agostinho	2	S. Francisco, tumba da Misericórdia	1
Lóios	3	Franciscano + Cristo	1	Cruzeiro da Graça	2
Carmelitas	1			Graça, sua sepultura junto à capela-mor	1
Agostinhos	1			“Caza dos Ossos” de S. Francisco	1

⁶ Arquivo Distrital de Évora, Testamentos, Cx. 16, nº 103.

Irmandade da Misericórdia	2			S. Domingos, em cova dos antepassados	1
Irmandade de N ^a Sr. ^a do Rosário	3			Sé, junto à capela-mor	1
Irmandade dos Prazeres	2			Sua cova no capítulo de S. Francisco	1
Irmandade de N ^a Sr. ^a Conceição	2			S. Domingos	1
Irmandade do Santíssimo Sacramento de St. ^o Antão	2			Sé, junto a N ^a Sr. ^a do Anjo	1
Irmandade de S. Nicolau	2			Sepultura de antepassado, Santo Antão	2
Irmandade de N ^a Sr. ^a das Brotas	1			Graça, claustro dos irmãos de S. Nicolau	1
Irmandade do Santíssimo Sacramento da Sé	2				
Irmandade de St. ^o António	2				
Irmandade de N ^a Sr. ^a do Carmo	2				

Iniciando os testamentos, as almas são particularmente encomendadas a Deus e à Virgem Maria, vindo depois algumas devoções particulares:

TABELA 4: Encomendação das almas

Devoções particulares/encomendação da alma	Nº de casos
S. João Baptista	2
Santa Clara, S. Paulo Apóstolo, S. Teotónio, Santo André, Santa Maria Madalena, Santa Teresa, Todos os Santos, Santos Apóstolos, Santa Inês, Santa Engrácia, Santo António, S. Bernardo	1
S. Francisco	2
St.º Agostinho	2
Deus Nosso Senhor	6
Virgem Maria	3
Anjo da Guarda	2
S. Nicolau Tolentino	2
S. João Evangelista	2
Santíssima Trindade	2

Gostaríamos ainda de sublinhar o lado assistencial presente nestes documentos, nomeadamente através das doações e dotes às órfãs.

Assim, D. Ana de Sottomayor, viúva de Nicolau de Brito e recolhida no mosteiro de S. Bento de Cástris, fez o seu testamento em 1659⁷, sendo testamenteiro o Reverendo Padre Frei António Pimentel, confessor do mosteiro. Informava que tinha os seus legados por sua alma no valor de 150.000 réis na mão de Gaspar dos Reis, mercador na Rua Nova de Lisboa, a juro de seis e quarto por cento. Pagava dívidas, fazia restituições (aos carmelitas descalços, 15.000 réis) e doações (a duas serviçais em Lisboa e a uma órfã, Leonor Botelha, recolhida

Arquivo Distrital de Évora, Testamentos, Cx. 7, nº 105.

na correição de Lisboa, 10.000 réis, e a uma idosa em S. Bento de Cástris, 2.000 réis). A sua filha, Marta Micaela de Sottomayor, deixava estes legados e encomendas, para os cumprir com rigor; declarava-a sua universal herdeira⁸.

Gabriel de Melo e Castro, filho de Manuel de Melo Noronha, fez o seu testamento em 1667. Instituiu como universal herdeiro o irmão, o morgado Ruy de Melo Noronha, que lhe deveria mandar rezar 3 missas no mosteiro de Aracoeli em Alcácer do Sal em dia de Natal, tal como os herdeiros do morgado⁹.

Inês da Costa Borges¹⁰, viúva de António Gomes Mariz, e Gracia da Costa, sua irmã solteira, deixam claro no testamento em 1667 que o mesmo só seria válido depois do falecimento de ambas. Determinaram que com os bens que tinham constituíam capela de que os padres da Graça seriam administradores¹¹; não os podiam vender, apenas aforar. E teriam

⁸ A filha estava no mosteiro de Santa Teresa, das carmelitas descalças de Lisboa, deixando-lhe duas ofertas anuais de dois cruzados cada, nos dias de Santa Teresa e de S. José. Era declarada herdeira de bens havidos e por haver, de tenças e juros no valor de 200.000 réis, que estavam na mão de António e João de Abreu de Castro, irmãos, moradores na sua quinta em Lisboa. Por sua morte, os juros iam para o mosteiro de N.ª Sr.ª do Carmo de Lisboa, por 36 missas para sempre (18 no dia de Natal e 18 no dia de Páscoa), com esmola de 100.000 réis; os outros 100.000 a filha disporia deles para lhe fazer sufrágios por sua alma. D. Ana de Sottomayor declarou ainda que tinha a renda de duas capitánias na Índia por despacho real; se a filha se achasse com forças para ir para o convento das recoletas se daria todo o rendimento e renda das ditas capitánias ao convento; se ela não fosse, pagaria uma dívida ao primo P. António Leite desses rendimentos e o mais ficaria para a filha. Deixava ao testamentário 10.000 réis, e a N.ª Sr.ª das Necessidades de Lisboa 2.000 réis, para ajuda na compra de uma lâmpada de prata.

⁹ Ordenava ainda que uma mulher fosse durante um ano a Santo André (2000 réis de esmola, um cruzado para a cera e para uma missa; o mesmo para uma mulher que lhe “faria as almas” na igreja de Santo Antão). Fez doações a criados, a Ana Santos, que o assistira na doença (2000 réis) e à irmã, Violante Jerónima de Melo, 20 alqueires de trigo de foro em Alcácer. Arquivo Distrital de Évora, Testamentos, Cx. 9, n.º 94.

¹⁰ Arquivo Distrital de Évora, Testamentos, Cx.9, n.º 98.

¹¹ “(...) por não termos descendentes nem ascendentes devemos deixar o que temos e possuímos: uma morada de casas grande na Rua do Raimundo, com adegas que arrendada por 20.000 réis, de todo o seu assento constituímos uma capela. (...)”. Arquivo Distrital de Évora, Testamentos, Cx.9, n.º 98.

que aplicar à capela missa cantada todos os sábados, pois a capela não tinha padroeiro, tal como 3 missas em dia de Natal, 7 pela festa do Espírito Santo e no oitavário dos Santos um Ofício de 9 lições. Deixam ainda aos padres uma cama para servir ao Padre Provincial quando viesse ao convento, com roupa de cama; um tapete grande de estrado para as escadas do altar-mor e seis painéis que lhes costumavam emprestar para as festas que se celebram na igreja¹².

Gracia morreu primeiro, e Inês fez dois codicilhos ao testamento em 1674, precisando o destino de alguns bens móveis¹³. O testamenteiro inicial fora um padre da Graça, a quem haviam dado de esmola 4.000 réis; nos codicilhos, Tomé Piteira Vidigal era o testamenteiro de Inês, a quem a

¹² Gracia tinha 4 courelas de vinha ao Degebe, foreiras à Comenda da freiria por 573 réis/ano, de que ela era a 1ª vida, nomeando a irmã em 2ª, e caso ela morresse, a sobrinha, Mariana de Vasconcelos. Tinham um irmão que havia mais de 50 anos se ausentara para as partes da Índia, Sebastião da Costa, que julgavam morto. Como não sabiam se tinha descendentes, deixavam os foros das legítimas dos pais aos sobrinhos Mariana e António da Costa, para livrarem as consciências; se o irmão viesse, ou seus descendentes, os sobrinhos tinham que lhes largar os bens. Fazem depois diversas doações particulares. A Brásia, mulher de André Machado, médico, o seu oratório com todas as imagens, brincos, jóias, vestidos e mais pertenças dela; por sua morte, ficaria para a sua filha Maria e por morte delas em pessoa de sua geração, que o deixasse aseado e tratado, sem se repartir ou diminuir. Sendo necessário aos padres da Graça lhes emprestariam as imagens para as festas, devendo ser repostas e nunca sair da cidade. Os padres deveriam vigiar o bom trato do oratório; à criada, Luísa Gomes, que sempre as servira, uma morada de casas pequena, cama de roupa, arcas, tapete, toalhas de mão e mesa; a Manuel Lopes, agente do Cabido, uma arca encourada rosada e lhe quitam e remitem o foro; a Vicência Carneira, parteira, libertavam das dívidas, exceto o crucifixo de ouro, e deixam mais móveis

¹³ Para a criada Luísa, acrescenta um escritório pequeno e “quatro perçolanas da india e os paineis dos apostolos da casa dianteira, e a minha colcha branca de fustão (...) e declaro que hum retabolo que ella tem em seu poder o qual hee de ouro e outros brincos de ouro e prata e humas cristalinas tudo he seu que eu lhe dei”, e lhe dá o cofre em que tem os seus papéis e lhe recomenda que case com um homem bom. Nomeia ainda um faqueiro de prata que tinha que vender-se para uma jarra para o altar da Graça. No outro codicilho, acrescenta para a criada “(...) hum painel dourado, e outro mais pequeno também dourado e lhe deixo mais huns almarios pequenos (...)”; o documento precisa depois, acerca dos painéis, que um é do *Menino Romeiro* e outro do *Presépio*. Arquivo Distrital de Évora, Testamentos, Cx.9, nº 98.

testadora deixava um contador branco e um “Menino Jesus de manteozinho”.

No testamento de 1678 de Luís d’Azambuja de Moura ¹⁴, Arcediago de Lavre na Sé de Évora, o testamenteiro foi o Dr. João Velho, a quem deu por lembrança 2 castiçais de prata. Legou à sobrinha, Madre Joana de St.^o Agostinho, religiosa em Santa Mónica, vários bens móveis (alcatifa de seda, escritório de pau santo, etc.) além dos 10.000 réis de tença que lhe havia dado, a que acrescentava outra que recebera de uma tia, de 30.000 réis; a Isabel de Santa Catarina, freira no Paraíso, 2.000 réis para um hábito (e bens móveis – pavilhão da Índia, alcatifa, escritório) além de alguns retábulos da casa que ela quisesse ¹⁵.

António Ferreira da Câmara, fidalgo da Casa Real e cavaleiro da Ordem de Cristo, ao fazer o seu testamento em 1674 apontou como seu testamenteiro o Bispo de Targa (seu amo e amigo), a quem doava 50.000 réis para cumprir os encargos que lhe comunicara. Depois da enunciação típica dos testa-

¹⁴ Arquivo Distrital de Évora, Testamentos, Cx.9, n.º 120.

¹⁵ Deixou bens às criadas; a uma delas, Luísa Cerdeira, um dos cinco dotes para órfãs (Luísa Cerdeira, Isabel Roiz, Maria Carvalha, Maria Roiz e Mariana Morena, cada um no valor de 12.000 réis para ajuda do casamento), além dos bens e dos 40.000 réis que a prima dele, sua Ama, lhe deixara em testamento. Em honra de Nossa Senhora, deixava ainda nove mantos a nove viúvas honradas (que também nomeia, Maria Tibera, Maria Manuel, Margarida de Santo Agostinho, Faustina Rosada, Brites da Gama, Brites Luís, Ana Fernandes, Marta da Cruz, Domingas de Araújo) ou 3.000 réis a cada uma. Deixou ao Dr. Bartolomeu Lobo os móveis de sua casa, tirado o dinheiro e a prata (porque estes e as dívidas se entregariam ao testamenteiro); Manuel de Vilalobos foi também contemplado com 4.000 réis para umas meias e Manuel da Costa com 3.000 réis para outras e um caixão da Índia.

Declarou ainda que já tinha prometidas 5 camas para os convalescentes do hospital d’El rei, de que já tinha acabado 4, e que as outras se acabariam quando acabado o dormitório dos convalescentes. Perdoou todos os que lhe deviam menos de 3.000 réis, exceto se fossem seus rendeiros.

Indica ainda que se devia vender a sua quinta a Valbom e se o que dessa venda procedesse não bastasse para satisfazer os legados acima, devia fazer-se um orçamento deles, para que Bartolomeu Lobo os pagasse em 2 meses, vendendo, se necessário, a casa em que vivia.

mentos neste período (encomendação da alma, escolha da mortalha, do acompanhamento fúnebre, ritual de enterro e repartição das missas em termos temporais e espaciais), declara que o monarca anterior lhe devia 600.000 réis que, quando cobrados, 200.000 deveriam ser aplicados para bem da sua alma e o restante para ornamentos do culto divino para a sacristia de S. Francisco, encarregando da cobrança e aplicação frei Jacinto, religioso franciscano que guardava as provisões régias que atestavam a citada dívida.

O testamento enumera depois como deveria ser feita a distribuição dos seus bens. Cinco mil cruzados da sua fazenda seriam gastos da seguinte forma: 1.000 cruzados em dotes de 25.000 réis para moças órfãs e pobres, com que se casarão 16 órfãs honradas da cidade “(...) pressedendo sempre as mais bem parecidas pelo perigo que podem ter no mundo e as que mais honestas forem as quais elegerá o meu testamenteiro com informe dos Parochos desta cidade em como estão necessitadas (...)”¹⁶. O testador informara o testamenteiro que esta soma de 1.000 cruzados seria para a profissão de uma jovem, se ela não o quisesse teriam então aplicação nos dotes das órfãs e pobres, e tal montante deveria ser dado “em segredo” (não se saber o benfeitor). Os 4.000 que sobravam seriam aplicados para missas de esmola de 3 vinténs por encargos que tinha e não sabia (pais, avós, mulher, tia D. Felipa da Cunha).

Declara que tem um filho natural, Álvaro Ferreira, que criara em sua casa, pelo que lhe ordenava se legitimasse para o que devia recorrer ao rei pelos meios do direito, solicitando o testador essa legitimação pelos serviços que fizera à Coroa, para usar de benignidade e para respeitar a sucessão de sua

¹⁶ Arquivo Distrital de Évora, Testamentos, Cx.11, nº 84.

casa, por não ter descendentes nem ascendentes. Este filho seria o sucessor dos bens do seu morgado (morgado da Fonte Coberta, a que acrescentara a herdade do Monte Novo e duas vinhas) e capela (instituída por Maria Lopes da Ponte, com bens no termo de Elvas). Estes bens não deveriam ser divididos, e a sucessão seria por primogenitura varonil; não existindo descendentes por esta via, passariam para os descendentes da filha, D. Joana (a quem deixava uns brincos - chuveiros - de ouro e 300.000 réis, além do que lhe dera quando casou), casada com Francisco de Brito. O sucessor devia assegurar 5 missas/ano rezadas (três no Natal, uma em dia de St.^a Isabel, filha do rei da Hungria, e uma em N.^a Sr.^a da Conceição), todas em S. Francisco, com esmola de um tostão. Mais 10 missas pela alma da mãe, Joana da Ponte, em S. Francisco, a 50 réis.

Declara livre a escrava Sebastiana depois da sua morte (no 2.^o codicillo, continuaria forra, e deixa-a ao herdeiro), e os seus 3 filhos ficariam sujeitos a seu filho, Álvaro Ferreira Pereira, livres por morte do filho, com declaração de que não os poderia vender ou dividir “(...) e por me paresser que os ditos escravos lhe convem mais a sua boa convivencia ficarem na dita forma os não dexo livres (...)”¹⁷.

¹⁷ Arquivo Distrital de Évora, Testamentos, Cx.11, n.^o 84. Os legados e esmolas são vários. Para os criados que ao tempo da morte o assistissem, lhes darão “doos ou baetas” para eles necessários; 100.000 réis ao criado Amaro Simões, cego, casado e morador em Lisboa (no 2.^o codicillo reduz o montante para metade); 200.000 réis ao criado José Valente, pelos serviços, e casas na rua da Selaria que foram de Gualiotte, o livreiro; 20.000 réis para os padres e beneficiados da paróquia de Santiago de que era freguês; 5.000 réis a Manuel Gonçalves; 40.000 réis à Misericórdia de Évora de que era irmão, para repartirem em esmolas; a Frei Vicente, seu confessor religioso de S. Francisco, 40.000 réis.

O testamento apresenta dois codicillos. No primeiro, o testador afirma que tivera com Catarina Marques os filhos Álvaro e Joana, e os tinha por legitimados, dando consentimento para se proceder à legitimação. No segundo, determina que o seu filho ou descendentes não poderiam casar com cristãs-novas, senão seriam deserdados, fazendo ainda diversas revogações: as mil missas em S. Francisco, reduz de quatro para dois

Ao bispo de Targa, seu testamenteiro, encomendava o filho, nomeando-o como seu tutor, devendo viver nas casas do bispo enquanto não se casasse, e só casaria com seu consentimento e de Luís de Mesquita, padrinho do filho e seu amigo. Se o filho casasse contra vontade deles, perderia todos os bens, mandando-se deles fazer capela, vender (excepto o montante dos legados) e despender em obras pias e esmolas para viúvas honradas e moças recolhidas. Deixava ainda ao filho os serviços que tinha na Coroa, como também a promessa de uma comenda de 300.000 réis, de que já recebia 200 no almoxarifado da cidade.

Como acima notámos (cf. Tabela 1), declara e explicita que todos os ofícios que manda fazer rezados entende serem de cantochoão, e os cantados em canto de órgão.

Rui Mendes de Vasconcelos estipula no seu testamento, em 1651¹⁸, que toda a fazenda é do morgado do filho mais velho, Álvaro de Brito, exceto a capela da Torre, para que seu filho acudisse às suas irmãs, nomeando por sua morte a instituição da capela a quem quisesse, sendo do mesmo sangue; se morresse antes de nomear, ficaria seu filho Vicente de Vasconcelos de Brito. Nomeia como testamenteira sua mulher, D. Brites de Souza, e quando ela estivesse impedida o filho mais velho.

Os sufrágios seriam pagos da sua terça, e a mulher devia doar o restante, depois de pagar dívidas e legados. Assinala as dívidas: 40.000 réis ao cónego Francisco Borrvalho; 30 ou 40.000 réis a Domingos Pereira, “isto do retolo que lhe pa-

mil cruzados o que se rezaria em missas, os mil cruzados das órfãs e pobres passariam à filha Joana, não liberta a escrava Sebastiana, reduz para metade a esmola ao criado Amaro, e mandava cobrar uma dívida que perdoara.

¹⁸ Arquivo Distrital de Évora, Testamentos, Cx.12, n.º 73.

go”¹⁹. Deviam-lhe foros e juros no almoxarifado da cidade.

D. Teotónio Manuel, Deão da Sé de Évora, pediu ao dominicano Fr. João do Rosário que lhe escrevesse o seu testamento em 1674²⁰. Depois das indicações habituais nos testamentos, D. Teotónio começa por se referir às dívidas, afirmando nada dever aos criados, sendo os mais antigos 3 homens de pé, que recebiam ao mês; os outros eram recentes e tinha feito despesa em os vestir. Devia 100.000 réis a Francisco Vaz, mercador, já lhe tinha pago algum em cereal, devendo ser pago o resto, bem como demais dívidas que não se lembrava.

Afirma que estava contratado com o Bispo da Guarda, D. Martim Afonso de Melo, seu sobrinho, em haver de remir em 7 anatas a pensão que ele lhe pagava; já lhe tinha pago 4.000 cruzados, ficando D. Teotónio de obter a anuência do Papa, o que foi conseguido. Porém, o sobrinho não acedeu, tendo a justiça decidido que o dinheiro lhe deveria ser devolvido, declarando o testador que tal deveria ser pago nas suas casas nas Alcáçovas: do pátio para dentro com o jardim e ermida de S. Teotónio, que tudo fizera de novo e à sua custa, com gasto de mais de 8.000 cruzados, e as benfeitorias que fez nas outras casas que eram do morgado – o sucessor dele ficaria obrigado à sua herança a que pertenciam as ditas benfeitorias.

O Deão informa também que o P. Sebastião Roiz, escrivão da porta do celeiro da vila do Vimieiro, tinha o dinheiro procedido do pão vendido do priorado da vila; devia dar conta do mais pão, gados e outros bens que pertenciam a D. Teotónio. Declara que tinha uma capela, que o tio D. Fernando de Castro instituía, com obrigação de 100 missas rezadas/ano; nomeava-a em sua irmã, Sebastiana Manoel, priora em Santa Mónica.

¹⁹ Idem.

²⁰ Arquivo Distrital de Évora, Testamentos, Cx.10, n.º 117.

Enuncia alguns foros e pensões, como o foro 20.000 réis/ano das casas em que vivia e que deixava, como o encargo, à criada; 40.000 réis de pensão que recebia do arcebispado de Braga (e que passariam a Bento Francisco, carpinteiro, para pagamento do que lhe devia); 30.000 réis de pensão no priorado da igreja de S. João, em Beja, e o que recebia de pensão da conezia.

Já no final do testamento indica que, depois de pagas as dívidas e cumpridos os legados, instituía por universal herdeiro Rui Dias de Vilhena pela afeição que lhe tinha “(...) e outras resõis que a isso me movem. E quero que se para maior abastança de Elle poder ser meu erdeiro lhe for necessarias legitimarsse por ser meu filho o possa fazer E procurar de sua Alteza que deus guarde a legitimaçam. (...)”²¹. Se ele não conseguisse ser nomeado seu herdeiro, seria Estêvão Coelho de Oliveira, seu criado; ambos, Estêvão e Rui Dias, são os testamenteiros.

Reunindo em Tabela os testadores acima referidos, a que juntámos os dados de mais três testamentos (Maria Botelha, Sebastiana Pacheco e António Fialho, testamentos que, no universo analisado, contêm alguns dados precisos para a pesquisa e alargando, em termos sociais – género, estado, estatuto - o universo de testadores atrás examinados de forma mais detalhada), foi colocado o enfoque nas devoções, nas obrigações em missas e no local dos enterramentos presentes nesses testamentos, para além dos aspetos acima tratados:

²¹ Arquivo Distrital de Évora, Testamentos, Cx.10, nº 117.

TABELA 5: Devoções, obrigações e ritual fúnebre

Nome	Devoções particulares	Obrigações em missas	Enterramento e cortejo fúnebre
D. Maria Botelha, doente na cama	Dominicanos acompanhariam as cerimónias		Ser enterrada com o hábito dominicano na capela de N ^a Sr. ^a do Rosário, S. Domingos, Montemor-o-Novo, com o pai, e depois os ossos para a capela-mor de S. Domingos de Évora, para junto do marido quando este falecesse
Sebastiana Pacheco, Viúva	N ^a Sr. ^a do Rosário	15 missas no Carmo, altar da Sr. ^a da Piedade e 15 no de N ^a Sr. ^a do Carmo 15 missas nos Remédios no altar da Sr. ^a do Carmo (meio tostão cada missa)	Ser enterrada no Carmo, fora de portas, na tumba dos irmãos da Misericórdia, que a acompanhariam; era irmã da irmandade de N ^a Sr. ^a do Rosário, que também a acompanharia. O seu corpo iria no hábito da Senhora
Gabriel de Melo e Castro (filho de Manuel de Melo Noronha)	Encomenda a alma a Deus	300 missa rezadas (meio tostão) no dia do falecimento ou seguinte nos altares privilegiados da cidade 15 missas a N. Sr. em louvor dos mistérios do Rosário 10 missas dos Anjos (Gabriel e da Guarda) 5 missas S ^o António 100 missa pela alma de seus pais	Corpo enterrado em S. Francisco no hábito do santo e na tumba da Misericórdia; adiante no documento pedia depois ao testamenteiro que o enterrasse em Alcácer, e não em Évora, onde estavam os avós. <u>Cortejo fúnebre</u> : Irá acompanhado por franciscanos e lóios

			(com esmola costumada), freguesias da cidade, pobres do hospital, irmandades dos Prazeres e de N ^a Sr. ^a da Conceição (esmola costumada) e do SS de Santo Antão (1.000 réis esmola)
Inês da Costa Borges, viúva e Gracia Costa, solteira	Encomendam a alma a Deus, Santos Apóstolos, St ^o Agostinho, S. Nicolau Tolentino, S. João Evangelista, S. João Baptista, S. Francisco, St ^o António, Santa Inês e Santa Engrácia.	Dia do falecimento ou no seguinte de cada uma: 5 missas a St ^o Agostinho, 3 de N ^a Sr. ^a , 3 da Santíssima Trindade, 7 do Santíssimo, 3 aos Evangelistas, 3 ao Baptista, 2 ao Arcanjo S. Miguel, 2 ao Anjo da Guarda, 1 ao Arcanjo S. Gabriel, na Graça; 8 dias depois do falecimento de cada uma, 1 ofício de 9 lições por suas almas (esmola 3 cruzados) Por cada uma, um trintário de missas na Graça a S. Nicolau das Almas, a S. Tomás de Villanova, outro repartidamente: 5 a S. Brás, 5 a S. Domingos pelas almas dos pais, 5 a S. Francisco, 5 a S. Pedro e 10 a St ^o António pela alma do marido e filha falecida	Corpos sepultados no cruzeiro da Graça, com o hábito dos religiosos, que as acompanhariam por 6 tostões (cada uma dava 3000 réis), pois eram irmãs da irmandade de S. Nicolau; Inês seria levada em tumba da Misericórdia (o marido fora irmão) e a irmã numa ordinária <u>Cortejo fúnebre</u> : todas as freguesias de Évora, pobres do hospital, irmandade do SS de St ^o Antão e a de N ^a Sr. ^a das Brotas (esmola de 3 cruzados cada uma), a de S. Nicolau, 500 réis cada, religiosos de S. Francisco, 2000 réis

<p>Luís d'Azambuja de Moura, arcediogo de Lavre</p>	<p>Encomenda a alma a Deus</p>	<p>Dia do falecimento ou seguinte, missa rezada em cada um dos 8 altares privilegiados da cidade; durante 1 semana, missa pelos agostinhos, com responsório e água benta sobre a sepultura, e no fim dos 8 dias 1 officio de 9 lições sem pompa, não se armará a casa de luto; mais três missas à SS Trindade, 5 às 5 Chagas, 9 ao Arcanjo S. Miguel, 9 ao seu Anjo da Guarda, 5 a S. Luís, rei de França, onde o testamenteiro quisesse; 9 missas em hora de Nª Sr.ª da Graça, da Conceição, do Rosário, dos Remédios e do Carmo em suas casas; A seus advogados, S. Brás e S. João Evangelista, 3 trintários de missas nos Remédios mais um trintário a Stº Agostinho na Graça;</p>	<p>Pede para ser sepultado na Graça, na sua sepultura ao pé da capela-mor; se não pudesse ser ocupada, fosse para a que ele tinha comprado junto a ela para o Dr. Manuel do Vale. Faz herdeira de seus bens a sua alma. <u>Cortejo fúnebre:</u> o Cabido o acompanharia conforme os Estatutos, tal como os fregueses da cidade, os religiosos da Graça, Carmo, lóios, S. Fº, com esmola de 4000 réis cada; irmandades do SS da Sé, de Nª Sr.ª da Conceição, de Stº António, de que era irmão, de S. Nicolau, esmola cada 2000 réis. Por reverência das cruces, pede que o acompanhem 24 pobres do Hospital da Piedade, de que era irmão, esmola 2000 réis 1600 missas por sua alma e seus defuntos: 200 na Graça, Remédios, S. Domingos, Carmo, Lóios, S. F.º, Misericórdia e Stº Antão; quando não se pudessem dizer no altar do Arcanjo S. Miguel, o testamenteiro entregaria a esmola delas ao tesoureiro da Irmandade de S. Miguel e ao sacristão da Misericórdia, com 11.000 réis de esmola para a cera</p>
---	--------------------------------	---	--

Rui Mendes de Vasconcelos	Encomenda a alma à Santíssima Trindade, ao seu Anjo da Guarda e à Virgem e santos da sua devoção	1º dia depois da morte, os dominicanos deveriam fazer um ofício cantado de canto de órgão , e lhe diriam 1000 réis de missas por sua alma, todas as que puderem com o seu corpo presente	Corpo sepultado em S. Domingos, numa das covas dos antepassados, que eram duas ou três, amortalhado no hábito dominicano. <u>Cortejo fúnebre</u> : acompanhado pelos religiosos de S. Domingos, S. F.º, todas as freguesias da cidade. O provedor e irmãos da Misericórdia o deveriam acompanhar à tumba (20.000 réis de esmola por não ser irmão) e 20 pobres com tochas na mão, com esmola costumada
D. Teotónio Manuel, Deão da Sé de Évora	Encomenda a alma a Deus, e S. Teotónio como intercessor	200 missas rezadas na Sé, cada uma com esmola de 80 réis, as mais delas em altar privilegiado	Pede para ser enterrado na Sé, pedindo sepultura junto da capela-mor. <u>Cortejo fúnebre</u> : acompanhado pelo Cabido, sendo enterrado da forma costumada dos mais capitulares
António Ferreira da Câmara. Fidalgo da Casa Real e Cavaleiro da Ordem de Cristo	Encomenda a alma a Deus	No dia do enterramento, ou seguinte, ofício rezado de 9 lições em S. F.º, e os religiosos durante uma semana lhe diriam missa por sua alma e no oitavo dia seria ofício cantado . Cem réis por cada missa de corpo presente, por cada um dos ofícios o costumado, as outras a 4 vinténs	Enterrado na sua cova no Capítulo de S. Francisco; 2000 réis aos religiosos de S. F.º para as missas; “se me fara um caixão para meo corpo ser metido preparando com o ornato necessario”

		<p>No dia do 1º officio se diriam missas em todas as comunidades da cidade, 100 réis cada, o mesmo no último. O clérigo que fosse dizer a missa por sua alma em S. Fº, 100 réis no 1º e último. Em S. Fº, mais 12 officios, um por mês, o 1º e o último cantados (estes eram a tostão e os rezados a 4 vinténs).</p> <p>Nos officios cantados se comprera necessária para o ornato da essa e altares, o mesmo nos rezados;</p> <p>1000 missas todas em S. Fº, a 60 réis: 200 pelas almas do fogo do Purgatório que mais precisarem, “400 pelas almas de meu pai e mãe, e 400 por pessoas a que sou obrigado; não tendo estes encargos as aplico à almas do Purgatório.”</p>	<p><u>Cortejo fúnebre:</u> Amortalhado no hábito de S. Fº, e por cima o manto da Ordem de Cristo e as mais insígnias que os ditos cavaleiros levam. Acompanhamento: religiosos de S. Francisco, Lóios, com esmola costumada, freguesias das paróquias da cidade, 33 pobres do hospital, com tochas, e esmola de 33 cruzados ao hospital da Piedade de que era irmão</p>
--	--	---	---

Procurando ainda uma leitura que atente às mulheres em religião (religiosas, noviças, recolhidas, freiras da Ordem 3^a), notamos a existência de relações familiares das testadoras com população conventual que já habitava nesses espaços (irmã, tia, prima coirmã, ou filha), resultando essas relações em obrigações de carácter espiritual ou em proventos materiais tanto para pessoas como para as instituições. Foi considerado também aqui o caso da freira dominicana da 3^a Ordem, Joana de Santa Rosa, viúva (estado de viuvez que já conhecia pela segunda vez) de João Gomes Barbosa, almoxarife de Évora. Em termos de obrigações em missas, são Joana de Santa Rosa (religiosa terceira) e Francisca de Santo António (recolhimento da Piedade) quem acaba por estabelecer um maior número, todas rezadas, não havendo indicação de presença musical; a elas se seguem as duas recolhidas no mosteiro de S. Bento de Cástris. Nesta amostra temos religiosas dominicanas, clarissas da primeira *Regra* e urbanistas, carmelitas descalças, cistercienses e dominicanas, sendo apenas indicado pela religiosa do Salvador as missas pretendidas, quinze, a serem celebradas fora do convento (em altar privilegiado). Nos outros casos, naturalmente que se deveria cumprir o ritual dos enterramentos das respetivas Ordens religiosas:

TABELA 6: Marcas de fé e devoção nos testamentos de mulheres em religião

Nome	Devoções particulares	Obrigações em missas	Observações
Joana de Cristo, noviça no Salvador	S. João Batista, St ^a Clara, S. Francisco, S. Paulo Apóstolo, St ^a M ^a Madalena, St ^a Teresa, St ^o Agostinho	15 missas rezadas em altar privilegiado no dia da morte	Tinha mais 2 irmãs freiras no Salvador, uma doente
Soror Ana Úrsula da Encarnação, religiosa em Santa Catarina			Rodrigo Luís de Proença, seu cunhado, como herdeiro, tal como de um legado que lhe deixara a irmã, Luísa da Cunha. Herdara da tia soror Inês do Rosário, no mesmo convento, uma capela; a administração dela, quando Úrsula morresse, devia ficar para a sua prima coirmã, Luísa dos Serafins, no convento, e por morte desta aos parentes.
Soror Brites de S. Francisco, religiosa no Calvário			Doava a capela à irmã, Maria Domingas Aceda, casada com o capitão Domingos Banha Vidigal, e bens a ela anexos (casas e duas vinhas)

Cecília Josefa da Conceição, religiosa em S. José	Pede auxílios divinos para chegar ao estado de religião, guardando a <i>Regra</i> de St ^a Teresa; pede à Virgem que foi sua protetora e defensora		Testamento apresentado quando ia professar pelo mordomo do mosteiro, Feliciano Franco Monteiro. Tinha no mosteiro uma filha, Camila Maria de S. José
---	--	--	--

Sem ser religiosa, mas com relação com o mundo conventual da cidade, citemos ainda o testamento de Sebastiana da Cruz, solteira, em 1671²². Nomeia como testamenteira Madre Isabel da madre de Deus, religiosa no Calvário, a quem dava 3.000 réis, e que lhe devia 8.000 réis; no testamento são citados muitas dívidas e penhores envolvendo jóias. Nota-se uma grande relação com o convento do Calvário, onde muitas freiras lhe deviam (dinheiro, açúcar) e até a abadessa, e a elas muito lega; muita gente na cidade lhe devia, sobretudo mulheres. Morava na rua da Fábrica d'El rei.

Em relação a alguns religiosos, seculares ou regulares, podemos apontar o P. Aurélio de St^o Agostinho²³, noviço no convento da Graça, e que professaria dentro de 2 meses. Fez o seu testamento em 1682; era natural do Porto, filho de Francisco Domingos Correia Rangel e de Maria Guilhermina. O convento onde o Provincial e o Definitório o fizessem filho seria o universal herdeiro.

P. João Franco, bacharel da Sé, fez o seu testamento em 1698²⁴, nomeando o Cabido como seu testamenteiro, insti-

²² Arquivo Distrital de Évora, Testamentos, Cx.10, nº 37.

²³ Arquivo Distrital de Évora, Testamentos, Cx.12, nº 42.

²⁴ Arquivo Distrital de Évora, Testamentos, Cx.16, nº 76.

tuição a quem pede sepultura aos pés de N^a Sr.^a do Anjo da Sé; instituiu algumas missa na Sé. Num codicilho, no mesmo ano, e por estar doente mas bem de consciência, lega diversos bens móveis²⁵.

Sem estarem relacionados com a religião, temos o testamento de mão comum feito em 1673 pelos irmãos António Pinto Leoniz e Joana Batista Leoniz, ambos solteiros e sem herdeiros²⁶. Os padres de Santo Antão tratariam do sufrágio, sendo que o primeiro que morresse iria para a sepultura do avô, Nuno Pinto, em Santo Antão. Sem terem feito partilhas, o que sobrevivesse seria o herdeiro dos bens móveis, de raiz, ouro e prata, e de capela perpétua com missa quotidiana em igreja ou altar a designar. A capela devia ser nomeada em quem quisesse o último que falecesse, exceto numa sobrinha em 2^o grau, Maria da Ascensão, que receberia uma adega na rua dos Touros e umas casas de capela em que viviam os meninos do Coro. Não devia suceder na capela pessoa compreendida no crime de lesa majestade.

■
²⁵ Ao criado Crispim, 10.000 réis mais as coisas do ofício, uma arca grande que lhe servia para ter os chapéus, duas sacas com lã, uma cama com assento e colchão dos grandes, uns brincos de orelhas, quinze extremos de ouro com sua cruz, cintas de pão de Aguilã (pão cheiroso, muito abundante na Cochinchina), uma colher, um garfo e uma barca de prata. À criada, além dos 4.000 réis de esmola, um colchão e uma colher de prata. Ainda uns “coraes com seus extremos engrasados em prata” que deixa à N^a Sr.^a do Anjo da Sé, um crucifixo de prata com sua cruz de ébano para os religiosos Remédios, (devendo-o colocar no altar-mor, e se não cumprissem devia ir para os religiosos das Mercês) e ainda um púcaro de prata à Cartuxa de Évora. Arquivo Distrital de Évora, Testamentos, Cx.16, n^o 76.

²⁶ Arquivo Distrital de Évora, Testamentos, Cx.10, n^o 89. Os irmãos deixavam forra uma negra, Isabel, por morte de ambos.

Considerações finais

Como vemos, as dimensões material e espiritual constituíam o pano de fundo e propiciavam a ocasião para a presença de sons diversos. Sons de dor, silêncios plenos de significado, sons de percursos de gentes em acompanhamento, sons de receção nas igrejas, sons de rezas em diferentes registos, sons dos sinos, dos órgãos e dos cânticos fúnebres quando tal ficasse estipulado e que, quotidianamente, de forma mais ou menos aparatosa, acompanhavam a vida da cidade de Évora. Porém, na documentação compulsada, a referência objetiva aos ofícios cantados é muito rara, e em que apenas um testamento (Luís da Azambuja de Moura) solicita um ofício cantado de canto de órgão, com missa de corpo presente. Mas há clarificações. António Ferreira da Câmara declarou em testamento que todos os ofícios que mandava fazer rezados entendia serem de cantochão, e os cantados em canto de órgão, devendo para qualquer deles ser comprada cera e ornato para a essa e altares; tal significou que no dia do enterramento tivesse ofícios rezados de 9 lições em S. Francisco e em todas as comunidades da cidade, durante a semana seguinte, um por dia em S. Francisco e na mesma comunidade um por mês no ano da sua morte, tendo ainda instituído 1000 missas em S. Francisco.

A feitura do testamento era pensada também em termos devocionais, espirituais e confessionais. As referências às devoções, a prática esmolar (que também assegura o prestígio), o incremento de missas e obras pias para remissão dos pecados, compõem uma realidade regida pelos ideais de generosidade para com os mais desfavorecidos. Refletem uma

sociedade de desigualdades, em que os paradigmas da boa prática cristã, e o perfil do/da bom/boa cristão/cristã encontram campo para se expressar na escrita das últimas vontades.

Por outro lado, os ritos associados à morte e à condução dos corpos até à última morada procuravam reproduzir o estatuto social (riqueza, poder, dignidade) de quem testa: são as “matemáticas da salvação” (GUERRERO NAVARRETE, Yolanda, et al, 2016). A esse estatuto não deixa de estar associado a escolha do local de enterramento, assegurando a manutenção do prestígio e posição social de indivíduos e famílias.

Destas considerações pode ser apartada a situação das monjas em clausura, embora a pluralidade de situações apresentada para uma mesma franja cronológica não deixe de testemunhar a diversidade do quotidiano religioso em Évora no período moderno. Para o mundo claustral, os sons, os cânticos, os silêncios, assumiam outra dimensão, porém perceptível pelo mundo extra-clausura sobretudo em Casas situadas na cidade. Assim, ao lado do vasto espólio em Livros de Coro e Manuscritos musicais que nos legaram, as monjas tinham também um quotidiano povoado de obrigações, como *Preces que se devem cantar nos dias da novena e festas do patriarcha S. Jerónimo, Responsos para a Semana Santa, Novena do Coração de Jesus e Maria, Novena de S. José* (com indicação que deveria ser interpretada a 4 vozes pelas clarissas de Évora), além de termos indicação, para as dominicanas do convento do Paraíso, de diversas missas para 2, 3 ou 4 vozes, *Ladainhas* (a 3 vozes), *Miserere* (3 vozes), *Te Deum* (4 vozes) e *Horas de Nôa* (a 3 e 4 vozes).

Bibliografia

- CERRADA JIMÉNEZ, Ana I; SEGURA GRAIÑO, Cristina (eds.) (2000) - *Las mujeres y el poder. Representaciones y prácticas de vida*. Madrid: Al-Mudayna.
- CONDE, Antónia Fialho. (2022) - D. Maria de Vilhena. O seu testamento e o antigo convento do Carmo em Évora (c.1580 – Post. 1623). In NETO, Maria João; MACIAS, Santiago (Eds.). *Mulheres Mecenaz e as Artes*. Lisboa: Caleidoscópio, pp. 89-99. ISBN: 978-989-658-784-0.
- DOI: <https://doi.org/10.30618/978-989-658-784-0>
- DE LARA RÓDENAS, Manuel José (2017) - *La muerte barroca: ceremonia y sociabilidad funeral en Huelva durante el siglo XVII*. Servicio de publicaciones de la Universidad de Huelva.
- DE PAULA, Rodrigo Teodoro (2021) – “Sons de morte e de glória: a sonoridade ritual das cerimónias da Quebra dos Escudos e da Aclamação, realizadas em Évora (1521-1750)”. In SÁ, Vanda de; CONDE, Antónia Fialho; GOUVEIA, António Camões. *Sonoridades Eborenses*. Lisboa: Edições Húmus-CESEM-CHAM. ISBN 978-989-755-000-0.
- DE PAULA, Rodrigo Teodoro (2019) – “O som solene da morte: A «sonoridade bélica» dos funerais reais portugueses (1750-1816)”. In SÁ, Vanda de; CONDE, Antónia Fialho (eds.). *Paisagens sonoras urbanas: História, Memória e Património* [en ligne]. Évora: Publicações do Cidehus. <<http://books.openedition.org/cidehus/8001>>. ISBN: 9791036521669.
- DOI: <https://doi.org/10.4000/books.cidehus.8001>.
- DE PAULA, Rodrigo Teodoro (2018) - O «som brônzeo» da morte: Poder e liturgia fúnebre a partir da torre sineira da

- Santa Igreja Patriarcal de Lisboa (1730-1769). *Revista Portuguesa de Musicologia*. Vol. 5, n.1, pp. 93-116. ISSN: 2183-8410.
- EIRE, Carlos M.N. (2007) - Early modern Catholic piety in translation. In P. Burke & R. Hsia (Eds.). *Cultural Translation in Early Modern Europe*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 83-100.
DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511497193>
- EIRE, Carlos M.N. (2014) - Afterlife. In Levy, Evonne; Mills, Kenneth (Eds.) *Lexikon of the Hispanic Baroque. Transatlantic Exchange and Transformation*. New York, USA: University of Texas Press, pp. 9-12.
DOI: <https://doi.org/10.7560/753099>
- FISHER, Alexander (2013) - *Music, Piety, and Propaganda: The Soundscapes of Counter-Reformation Bavaria*. New York: Oxford University Press.
- GALLEGO, Mayte; MÓ, Otilia; PÉREZ CANTÓ, Pilar (eds.) (1994) - *Mujeres y poder*. Madrid: IUEM, Universidad Autónoma de Madrid.
- GÓMEZ NAVARRO, Soledad (2010) - Historiografía e historia de las actitudes ante la muerte: la España del antiguo régimen vista desde la provincia de Córdoba. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos* [Online], Debates. URL: <http://journals.openedition.org/nuevomundo/60167>
DOI: <https://doi.org/10.4000/nuevomundo.60167>
- GÓMEZ NIETO, Leonor (1991) - “Los testamentos, fuente para la Historia Social”. In Castillo Alonso, Santiago (coord.). *La Historia Social en España. Actualidad y perspectivas*. Madrid: Siglo XXI, pp. 311-314.
- GUERRERO NAVARRETE, Yolanda (2016) - *Testamentos de mujeres: una fuente para el análisis de las estrategias fa-*

- miliares y de las redes de poder formal e informal de la nobleza castellana. *Studia Historica. História Medieval*. Salamanca. Ed. Universidade de Salamanca. Vol. 34, p. 89-118.
- HEERS, Jacques (1987) - *El clan familiar en la Edad Media*. Barcelona: Labor.
- LORENZO DEL PINAR, F. J. (1991) - *Muerte y ritual en la Edad Moderna*, Salamanca: Universidad de Salamanca.
- MATEO BRETOS, Lourdes (1994) - Historiografía de la muerte: trayectoria y nuevos horizontes. *Manuscripts: Revista d'història moderna*. Barcelona: Universidade Autònoma de Barcelona, nº 12, p. 321-356.
- NÚÑEZ RODRÍGUEZ, Manuel (1988) - “La indumentaria como símbolo en la iconografía funeraria”. In Núñez Rodríguez, Manuel y Portela Silva, Ermelindo (eds.). *La idea y el sentimiento de la muerte en la Historia y en el arte de la Edad Media*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, pp. 9-19
- PELAZ FLORES, Diana; VAL VALDIVIESO, M. Isabel (2015) - La historia de las mujeres en el siglo XXI a través del estudio de la reginalidad medieval. *Revista de historiografía (RevHisto)*, nº 22, p. 101-127. Disponible em: <https://e-revistas.uc3m.es/index.php/REXHISTO/article/view/2648>
- PELLICER, Clara Bejarano (2013) - El paisaje sonoro fúnebre en España en la Edad Moderna: el caso de Sevilla. *Ohm: Obradoiro de Historia Moderna. Moderna*, nº 22.
- DOI: <https://doi.org/10.15304/ohm.22.1010>
- RODRIGUES, Cláudia (2015) - “O uso de testamentos nas pesquisas sobre atitudes diante da morte em sociedades católicas de Antigo Regime”. In Guedes, Roberto; Rodrigues, Cláudia; Wanderley, Marcelo da Rocha (orgs.). *Ultimas vontades: Testamento, sociedade e cultura na América*

- Ibérica [séculos XVII e XVIII]. Rio de Janeiro: Mauad X.
- RODRIGUES, Cláudia (2005) - *Nas fronteiras do além: a secularização da morte no Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional.
- ROSA, Maria de Lourdes (2005) - “*As almas herdeiras*”: *fundação de capelas fúnebres e afirmação da alma como sujeito de direito (Portugal, 1400-1521)*. Lisboa, tese de doutoramento em História Medieval apresentada à École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris, e à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2005.
- SANMARTÍN BASTIDA, Rebeca (2006) - *El arte de morir: una puesta en escena de la muerte en un tratado del siglo XV*. Madrid-Franckfurt: Iberoamericana.
- SMITH, B. E. (1999) - *The Acoustic World of Early Modern England*. Chicago: Chicago University Press.
- STRAS, Laurie (2006) - The Organ of the Soul: Voice, Damage and Affect. In Lerner, Neil, Straus, Joseph (ed.). *Sounding Off: Theorizing on Disability in Music*. New York: Routledge, pp. 173-84.
- VAL VALDIVIESO, M.^a Isabel del (2009) – “Los testamentos como fuente para la historia de las mujeres (el caso de Teresa González de Esquibel y Diego Martínez de Heali)”. In Val Valdivieso, Rosa Cubo, Dueñas Cepeda y Santo Tomás Pérez (coords.). *Protagonistas del pasado, Las mujeres desde la Prehistoria al siglo xx*. Valladolid: Castilla Ediciones, 2009, pp. 15-35.
- ZOYAYA MONTES, L. (2007) - “El ceremonial fúnebre como medio de adscripción a la religión católica: otras fuentes”. In Núñez Roldán, F. (coord.), *Ocio y vida cotidiana en el mundo hispánico en la Edad Moderna*. Sevilla: Universidad de Sevilla, pp. 353-357.

Notas biográficas

Alex Rodrigues Suarez é um investigador independente sediado em Barcelona. Obteve o seu doutoramento em História Bizantina no King's College de Londres (2014). Desde então, realizou pesquisas na Turquia (ANAMED, AKMED), Bulgária (CAS Sofia), Itália (Centro Vittore Branca), Grécia (American School of Classical Studies at Athens), Líbano (Orient-Institut Beirut), Israel e Palestina (W.F. Albright Institute of Archaeological Research). Além disso, foi bolsheiro de verão na Dumbarton Oaks Research Library and Collection (Washington DC). Os seus últimos projectos têm-se centrado na paisagem sonora religiosa das comunidades cristãs do Sudeste da Europa e do Médio Oriente, sobretudo na utilização de sinos de igreja. Entre os seus outros interesses de investigação contam-se o intercâmbio cultural e a iconografia.

Ana Ester de Matos Silva é licenciada em História pela Universidade Federal do Piauí-UFPI/CSHNB/Picos. Participou como voluntária do Projeto de Pesquisa ICV (2019-2020): Cidades sensíveis e imaginárias: representações do viver do viver urbano em cidades brasileiras, nas décadas de 1980 e 1990, sob coordenação e orientação do Professor Dr. Raimundo Nonato Lima dos Santos. Obteve o 1º lugar na área de Ciências Humanas, na modalidade apresentação oral do trabalho intitulado: “Cartografias auditivas: sonoridades urbanas da cidade de Picos-PI, nas décadas de 1980 e 1990”, no XXIX Seminário de Iniciação Científica – XIX SIC, realizado durante os ‘Seminários Integrados da Universidade Federal do Piauí – SIUFPI 2020’. É integrante do GT Anpuh – Seção Piauí “História, Cidades e memória

Raimundo Nonato Lima dos Santos é Doutor em História pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. Professor Adjunto IV da Universidade Federal do Piauí - UFPI, vinculado ao curso de História e Professor Colaborador do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil.

Ana M. Moya Pellitero é investigadora integrada no CHAIA, U Évora desde 2015. Doutorada em história e teoria da paisagem, cultura urbana e meios audiovisuais pela TU Eindhoven (NL) (2007), Pós-doutorada em patrimônio imaterial da paisagem urbana e práticas artísticas comunitárias na U Évora (PT) (2016-2021) financiada pela FCT Portugal e Fundo Social Europeu (POCH/UE/PT) (SFRH/BPD/101156/2014), investigadora visitante do Grupo de Investigação em Antropologia e Práticas Artísticas, U Barcelona (ES) (2018-20), Pós-Graduada em Intervenção Paisagística e Gestão do Património (Natural, Cultural e Turístico) pela UA Barcelona (ES) e Mestre em Arquitetura pela ETSA Barcelona, UP Catalunha (ES).

Ana Telles estudou em Lisboa, Nova Iorque e Paris, tendo-se doutorado na Universidade de Paris IV - Sorbonne (França). Mantém intensa actividade concertística, na Europa, na Ásia e nas Américas, tendo sido solista com diversas orquestras nacionais e internacionais. A sua discografia conta actualmente com mais de vinte de títulos, compreendendo CD's monográficos, gravações a solo com orquestra e integrada em grupo de música de câmara. Enquanto investigadora integrada do CESEM (Pólo de Évora) e do IN2PAST, desenvolve investigação científica nos seguintes domínios: Música dos sécs. XX e XXI, Música Portuguesa - Períodos Moderno/Contemporâneo, Música para Piano. É autora de um número signifi-

cativo de capítulos de livros, artigos em revistas indexadas e edições musicais, incluindo uma edição crítica dos *Prelúdios para piano* de Luís de Freitas Branco. Ana Telles é Professora Catedrática e Diretora da Escola de Artes da Universidade de Évora. Integra o *Board of Representatives* e o *Executive Group* da *ELIA – European League of Institutes of Arts*.

Antónia Fialho Conde é Professora Associada com Agregação no Departamento de História - Universidade de Évora. Trabalha na(s) área(s) de Humanidades - História e Património Cultural. Nas suas atividades profissionais interagiu com mais de 130 colaboradores em coautorias de trabalhos científicos. É docente do Master Erasmus Mundus TPTI, dos Mestrados em Gestão e Valorização do Património Histórico e Cultural e Arqueologia e Ambiente e dos Programas Doutorais HERITAS, PIUDHist e História. É investigadora do CIDEHUS-UÉ e colaboradora do Laboratório HERCULES, do CEHR (Centro de Estudos de História Religiosa) e do LEM-CERCOR (França). Participa em diversos Projetos científicos nacionais e internacionais (alguns de âmbito europeu) financiados; foi a investigadora Co-Responsável do Projecto FCT PASEV: Patrimonialização da Paisagem Sonora em Évora (1540 - 1910) e a Investigadora Responsável do Projeto FCT EXPL/EPH-PAT/2253/2013 ORFEUS - A Reforma tridentina e a música no silêncio claustral: o mosteiro de S. Bento de Cástris. As suas áreas de investigação são o Monaquismo cisterciense feminino, a História Religiosa e o Património e Cultura Material (religioso e militar) no período moderno, consumadas em diversas publicações, nas áreas de docência e na orientação em estudos graduados e pós-graduados que efetua. É Diretora do Mestrado em Gestão e Valorização do Património Histórico e Cultural.

Clara Bejarano-Pellicer é Doutora em História pela Universidad de Sevilla (2011), Licenciada em Historia y Ciencias de la Música pela Universidad de la Rioja (2013) e obteve o Grau Médio em Música (especialidade Percussão) no Conservatorio *Francisco Guerrero*, de Sevilla (2006). Sua Tese de Doutorado (Universidad de Sevilla, 2011) recebeu o Prémio da Fundación Focus-Abengoa e o *Premio Extraordinario de Doctorado* da Universidad de Sevilla. É autora das monografias *El mercado de la música en la Sevilla del Siglo de Oro* (2013), *Los sonidos de la Ciudad. El paisaje sonoro de Sevilla, siglos XVI al XVIII* (2015) y *Los Medina. Redes económicas y sociales en torno a una familia de músicos entre el Renacimiento y el Barroco* (2019). Realizou períodos de investigação na Universidad Roma Tre, no University College London e na Universidad de Oxford. Atualmente é Professora Titular do Departamento de História Moderna da Universidad de Sevilla e forma parte de vários grupos de investigação de caráter internacional.

Francisco Didier Guedes Albuquerque Junior é graduado em História (2020) pela Universidade Federal de Campina Grande, no Centro de Formação de Professores, campus Cajazeiras, Paraíba – BR. Foi bolsista de mestrado (CAPES) pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGH/UFRN), campus Natal, na linha de pesquisa «Linguagens, Identidades & Espacialidades». É membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em História Regional e Saberes Locais (CNPq/UFCG). Atualmente, também produz conteúdo audiovisual sobre História e Música nas plataformas digitais. Pesquisa com ênfase nas áreas de: História e Música; Paisagem Sonora; Rock e contemporaneidade; Hibridismo; Cultura e Contracultura.

Filipe Mesquita de Oliveira é Doutorado em Música e Musicologia pela Universidade de Évora e é actualmente Professor Auxiliar nessa instituição. O seu domínio de especialização é a música de tecla ibérica dos séculos XVI e XVII. Tem também vindo a desenvolver trabalho de investigação em torno da música portuguesa no período final do Antigo Regime. Como conferencista destacam-se diversas apresentações em Portugal e no Estrangeiro. Das suas publicações são de referir os artigos, «Some aspects of P-Cug, MM 242: António Carreira's keyboard tentos and fantasias and their close relationship with Jacques Buus's ricercari from his Libro primo (1547)», (Ashgate, 2013), «A formação orquestral durante o período final do Antigo Regime no contexto dos fundos musicais de Évora – o testemunho da obra de Ignácio António Ferreira de Lima († 1818)», (Colibri, 2014) e «Os hinos *Ut queant laxis* e *Fortem virili pectore* do fundo musical da Sé de Évora no contexto da produção musical de Inácio António Ferreira de Lima», (Cidehus, 2019). Integrou, como investigador, a equipa do projecto *PASEV – Patrimonialization of Évora's Soundscape 1540-1910* afecto ao CESEM/Pólo Évora, no âmbito do qual desenvolveu vários trabalhos de investigação. Integra ainda as equipas de investigação *Estudos de Música Antiga* e do *Núcleo Caravelas* do CESEM – FCSH.

Frederico Pessoa é músico, artista sonoro, e mestre e doutor em Artes pela Universidade Federal de Minas Gerais, com bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG). Integra o grupo ESCUTAS: grupo de pesquisa e estudos em sonoridades, comunicação, textualidades e sociabilidade, na mesma instituição, onde também trabalha como sonoplasta.

Hugo Filipe Teles Porto é natural de Évora. Concluiu em 2020 o Doutoramento em História, pela Universidade de Évora, com a tese “ Os agentes do serviço musical das Sé de Elvas e Portalegre”. É licenciado em Direito, desde 1997, pela Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa. Em 2006, concluiu a Pós-Graduação em Ciências Jurídico-Urbanísticas e Ambientais pela mesma Faculdade. Em 2004, licenciou-se em História – Ramo Património Cultural, na Universidade de Évora e passou a exercer funções de consultor jurídico na extinta Direção Regional do IPPAR, exercendo ainda tais funções no organismo que lhe sucedeu: a Direção Regional de Cultura do Alentejo. Nesta Direção Regional, em 2008, desempenhou o cargo de Diretor de Serviços dos Bens Culturais. Foi, igualmente, Diretor de Serviços de Planeamento, Informação e Recursos Humanos da Direção-Geral das Artes entre 2012 e 2013. Em 2013, concluiu o Curso de Mestrado em História Moderna e dos Descobrimentos, pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, com a tese “ Os cantores na administração nos reinados de D. Manuel I e D. João III”.

João Mateus nasceu em Lisboa. É arquitecto, pintor e músico. É instrumentista de corneta, charamela e baixão. Estudou com Emídio Coutinho no CNML. Frequentou estágios de corneta, com Edward Tarr, Bruce Dickey, Jean-Pierre Canihac, e William Dongois. Frequentou as Masterclass de Fagote Barroco, com Alberto Grazzi e Ornamentação Renascentista com William Dongois. Frequentou as Masterclass de Sacabuxa com Charles Toet, Adam Wolf e Wim Becu. Dirige e integra o grupo “Music’Alta”. Colaborou em concerto com os grupos “Camerata da Cotovia”, “Lusitani Musici”, “Concerto

Atlântico”, “Charamela Real”, “Il Dolcimele”, “Tagus”, “Coral Vertice”, “Carmin’Antiqua”, “Ensaladas” com o “Pública Hor-tência”, “Despertar do Barroco” de Lourenço Rebelo. Partici-pou no filme “Le Soulier de Satin”, de Manoel de Oliveira. Gravou nos CDs “Vilancicos do Século XVI” e “Oxicantá”. Foi orientador no workshop de charamelas nas XIX e XX Jorna-das Internacionais da EMSE. Publicou o artigo “Corneta... um raio de sol que atravessa as trevas...” na revista A Arte do Ofí-cio da UAL. É construtor de cornetas e baixões. Tem realizado conferências sobre “Cornetas, Charamelas e Baixões.

João Ricardo terminou o mestrado em Artes Musicais na Fa-culdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (FCSH/UNL) em 2019. As suas óperas têm sido es-treadas pela Inestética Companhia Teatral, Quarteto Contra-tempus e OPERAFEST Lisboa; a ária para tenor *Quando enganei os deuses*, com libreto de Tatiana Faia, foi a obra vencedora do prémio Carlos de Ponte Leça na Maratona Ópera XXI, em se-tembro de 2021. Foi selecionado como Compositor Residente na Orquestra de Câmara de Cascais e Oeiras para o ano de 2022, e em novembro do mesmo ano a sua obra *Mãe desconhecida* para oboé e piano venceu o Concurso Internacional de Música Terras de Santiago na vertente de composição. É investigador afiliado ao Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical (CESEM FCSH/UNL) desde setembro de 2019, com o “Grupo de Investigação em Música Contemporânea” e com a “Linha de Estudos de Ópera”. Integrou a equipa de investigadores do projeto “PASEV: Patrimonialização da Paisagem Sonora de Évora” (CESEM UÉvora). Colabora também regularmente com a “AREPO – Associação de Ópera e Artes Contemporâneas”, em trabalhos de edição musical e produção de eventos.

João Vaz é natural de Lisboa, diplomado em Órgão pela Escola Superior de Música de Lisboa e pelo Conservatório Superior de Música de Aragão, em Saragoça. É também doutorado em Música e Musicologia pela Universidade de Évora, tendo defendido a tese “A obra para órgão de Fr. José Marques e Silva (1782-1837) e o fim da tradição organística em Portugal no Antigo Regime”. Tem mantido uma intensa actividade a nível internacional, quer como concertista, quer como docente em cursos de aperfeiçoamento organístico, ou membro de júri de concursos de interpretação. Efectuou mais de uma dezena de gravações discográficas a solo e foi responsável por diversos artigos e edições musicais. Fundou, em 2006, o grupo Capella Patriarchal, que dirige. É Professor Coordenador da Escola Superior de Música de Lisboa e Investigador Integrado do CESEM. Fundador do Festival Internacional de Órgão de Lisboa em 1998, é actualmente director artístico do Festival de Órgão da Madeira e das séries de concertos que se realizam nos seis órgãos da Basílica do Palácio Nacional de Mafra (de cujo restauro foi consultor permanente) e no órgão histórico da Igreja de São Vicente de Fora, em Lisboa (instrumento cuja titularidade assumiu em 1997).

Juliana Wady começou o seu percurso universitário ainda no Brasil, na Universidade Estadual de Campinas. No ano de 2016, em Portugal, prosseguiu os seus estudos em Musicologia Histórica na Universidade de Évora, na qual concluiu a licenciatura. Em seguida, realizou o Mestrado em Ciências Musicais da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (UNL), propondo uma análise das Cirandas de Heitor Villa-Lobos a partir da Teoria dos tópicos. Actualmente, Juliana Wady é bolseira de doutoramento, na mesma universidade, no âmbito

do Projeto “História Temática da Música em Portugal e no Brasil” (UI/BD/151161/2021), proposto pelo CESEM, com uma investigação sobre modernismo e nacionalismo no contexto luso-brasileiro. Dentro destas temáticas, Juliana Wady conta com participações em vários congressos e com a publicação de artigos em Portugal e no Brasil.

Luís Cláudio Ribeiro é professor universitário, diretor do Departamento de Ciências da Comunicação e dos ciclos de estudo em Tecnologias do Som da Universidade Lusófona, onde desenvolve investigação no campo dos media e da cultura sonora. Os seus livros e artigos mais recentes focam-se na identificação e caracterização das alterações produzidas pelos mediadores sonoros na sociedade. É Investigador Principal dos projetos *Lisbon Sound Map* e *Aural Experience, Territory, and Community*, ambos financiados pela FCT. Paralelamente à sua atividade académica é escritor. Obras mais recentes: *Sucede no entanto que o Outono veio* (romance) e *Um Jardim Abandonado que Desbota* (poesia).

Rodrigo Teodoro de Paula é Doutor em Ciências Musicais - Musicologia Histórica, com menção máxima por unanimidade, pela Universidade Nova de Lisboa. É também licenciado em Direção de Orquestra pela Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerais (Brasil), mestre em Estudo das Práticas Musicais - Música e Sociedade, pela mesma universidade e mestre em Interpretação da Música Antiga pela Escola Superior de Música da Catalunha/ Universidade Autónoma de Barcelona. Integra a linha de investigação “Música no Período Moderno”, do Núcleo de História da Música Luso-brasileira - Caravelas, pela Universidade Nova de Lisboa,

é colaborador do CEHUM, da Universidade do Minho e investigador integrado do CESEM - pólo Universidade de Évora. No âmbito das Paisagens Sonoras Históricas, integrou como investigador doutorado o projeto Patrimonialização da Paisagem Sonora de Évora - PASEV (CESEM-CIDEHUS/Universidade de Évora) e tem publicado diversos artigos, realizado conferências nacionais e internacionais sobre essa temática.

Tess Knighton é mestre e doutora pela Universidade de Cambridge, sendo também membro emérito do *Clare College*, em Cambridge. Foi Professora de Investigação do ICREA, no Institutíó Milà i Fontanals (CSIC) e, atualmente, na Universitat Autònoma de Barcelona. Recebeu uma bolsa da Fundação Marie Curie (2012-6) para um projeto de investigação sobre as músicas urbanas da Barcelona Moderna e, a partir de setembro de 2020, recebe uma bolsa do governo espanhol (I+D) sobre a contribuição das confrarias e grêmios para a paisagem sonora urbana na Península Ibérica, 1400-1700. Os seus interesses de investigação abrangem a música e a cultura no mundo ibérico, entre os séculos XV e XVII, e tem publicado amplamente neste domínio. É editora da série *Studies in Medieval and Renaissance Music* da The Boydell Press e faz parte de vários comités editoriais e consultivos em Espanha e na Europa.

Vanda de Sá é Doutorada em Musicologia pela Universidade de Évora e mestre em Ciências Musicais pela NOVA-FCSH. Docente do Departamento de Música da UÉ. Domínios de investigação: música instrumental no final do Antigo Regime, e atividade musical na cidade de Évora. Investigadora Responsável do Projeto *Estudos de Música Instrumental 1755-1840*

(2010-13: FCT). Membro da equipa do Projeto de Investigação *Orpheus – A música no Convento de São Bento de Cástris* (2014-15: FCT). Diretora do Museu da Música Portuguesa – Casa Verdades Faria (2010-2011). IR do Projeto PASEV | *Patrimonialização da Paisagem Sonora em Évora: 1540 – 1910*. (ALT 20-03-0145 - FEDER-028584. LISBOA-01-0145). Neste âmbito destaca-se a publicação dos livros *Paisagens sonoras urbanas: História, Memória e Património* (CIDEHUS/CESEM – 2019). <https://books.openedition.org/cidehus/7521>; *Paisagens sonoras históricas – Anatomia dos Sons nas Cidades* (2021) e *Sonoridades Eborenses* (CESEM/CHAM-FCSH/Ed. HÚMUS - 2022).

A paisagem sonora histórica tem sido uma área de estudos com importantes avanços nos últimos anos, promovendo reflexões relevantes sobre as possibilidades de abordar a presença do som e da música em eventos históricos; desafiando investigadores de diferentes disciplinas e artistas a criarem projetos que nos proporcionam, hoje, revisitar o passado através de representações sonoras. Essas experiências se por um lado, proporcionam a apreciação de novas sonoridades com novos significados, estimulam-nos também a pensar o fenómeno sonoro e as suas formas de escuta no passado, no presente ou mesmo, através da especulação, no futuro. No presente, impõe-se ainda a reflexão sobre o impacto de acontecimentos à escala global (como o da pandemia) nos centros urbanos e as alterações em suas paisagens sonoras: sons silenciados, sons revelados. Sob essa perspetiva, o presente livro reúne uma série de estudos apresentados no *III Encontro Paisagem Sonora Histórica - Novas Sonoridades / Novas Escutas*, realizado em Évora em 2021, no âmbito do projeto *Patrimonialização da Paisagem Sonora de Évora - PASEV*. Através da abordagem interdisciplinar, o Encontro proporcionou a discussão e a produção de reflexões críticas sobre a definição, o pensamento e a representação dos sons e da música nas cidades, em diferentes contextos, geografias e épocas.

